

PANORAMA – ABRIL / 2014

Pelo segundo mês consecutivo, o Brasil esteve no radar dos investidores internacionais. Somente no primeiro trimestre deste ano, o volume de recursos de fora investidos em renda fixa somou US\$ 11,6 bilhões, o maior valor já registrado para o período. Essa entrada de dinheiro foi fundamental para ajudar a cobrir o maior rombo nas transações correntes do País com o exterior, que somou US\$ 25,2 bilhões no primeiro trimestre. A conta inclui o saldo negativo de exportações menos importações.

No entanto, esse fluxo de capitais não tem sido atraído por uma melhora na percepção pelos investidores, e portanto tende a ser volátil. Podem sair do País a qualquer momento, o que forçaria um ajuste econômico custoso.

O fato é que mexeu com o preço dos ativos domésticos no mês de abril. O dólar, por exemplo, recuou 1,74% no mês, cotado a R\$ 2,23. Foi a terceira queda mensal consecutiva.

O Ibovespa recebeu pequena parte desse fluxo. Ainda assim, entrou no foco dos investidores e desde a segunda semana teve início um movimento de valorização do principal índice de ações brasileiro. Esse movimento foi puxado principalmente pelos resultados das pesquisas eleitorais divulgadas semanalmente, que vem indicando queda das intenções de voto da Presidente Dilma Rousseff. O mercado tem reagido positivamente, uma vez que os investidores rejeitam medidas que julgam excessivamente intervencionistas na economia, e veem na mudança de liderança uma alternativa viável para o País. O Ibovespa encerrou o mês em 51.626 pontos, acumulando valorização de 2,4%. Destaque para as ações de companhias estatais, com Petrobras PN valorizando 10,9%, e Eletrobras ON e PNB subindo 18,1% e 16,0% respectivamente

No segmento de renda fixa, a curva dos juros futuros ainda continua apontando divisão sobre o rumo do ciclo de alta da taxa Selic, apesar de o diretor de Política Econômica do Banco Central, Carlos Hamilton Araújo, ter admitido certo desconforto com a alta dos preços. Hamilton ponderou, no entanto, que a inflação encerrará 2014 dentro da meta.

O CDI apresentou valorização de 0,81%, enquanto a poupança fechou o mês de abril com rendimento de 0,58%.

O IMA-Geral apresentou retorno positivo de 1,63% em abril. O grande destaque, mais uma vez, foi a performance do IMA-B, que reflete a carteira indexada ao IPCA, apresentando valorização de 2,41%. O IMA-B 5, que registra o retorno médio dos títulos de até 5 anos, valorizou 1,31%, enquanto o IMA-B 5+, carteira de títulos com prazo superior a 5 anos, valorizou 3,17%.

Entre os papéis pré-fixados, a carteira de títulos com prazo de até 1 ano (IRF-M 1) valorizou 0,88%, enquanto a com títulos acima de 1 ano (IRF-M 1+) apresentou valorização de 1,48%.

Perspectiva

A entrada de recursos no País favorece, em tese, a queda do dólar. Isso porque, com mais moeda norte-americana no mercado, seu preço tende a ficar menor. Outro fator que influencia na cotação está relacionado com a decisão do FED (Federal Reserve, o BC dos Estados Unidos) de retirar gradualmente, em ritmo mais lento do que o estimado anteriormente, os estímulos à economia norte-americana, e com a perspectiva de um

acomodamento do crescimento em um patamar menor do que o registrado nos últimos anos na economia chinesa.

Do lado da inflação, o panorama é menos confortável do que deveria estar ao final de um ciclo de elevação de taxas de juros, pois ainda que as medidas para o núcleo da inflação tenham recuado, ainda estão acima de 6%. O recuo do item alimentos no IPCA permitiu alguma recuperação nos preços públicos, mas o impacto da seca nos primeiros meses do ano, já percebidos nos preços dos alimentos no atacado, fazem crer que o IPCA continuará pressionado.

A despeito dos bons resultados observados para os investimentos no mês de abril, com redução do prêmio pago pelos ativos mais longos, ainda não vemos sinais claros de melhora consistente nos fundamentos que suportem uma forte mudança de estratégia.
